

**« Mag 2 »
Novembro de 2011**

**“A ANÁLISE, FINS E
CONSEQUÊNCIAS”**

**“O Mag” do
Terceiro
Encontro
Internacional
da Escola**

**9, 10 e 11 de dezembro de 2011
Cité des Sciences et de l'industrie
Paris, Porte de la Villette**

**Escola de psicanálise dos Fóruns do
Campo Lacaniano**

SUMÁRIO

Liminar

Prelúdios

Infos Encontro-Hotéis-Restaurantes

Programa e inscrição

Interlúdios poéticos

Iniciativas pré-Encontro

Anúncio

Comissões do Encontro

Site : www.champlacanian.net

Liminar

“MAG 2”

A data do Terceiro Encontro Internacional está se aproximando, e estamos entrando na última fase da organização e da preparação.

Facilite o trabalho da comissão de organização, por favor!

Como sempre, vários de vocês ainda não se inscreveram: seria possível fazê-lo rapidamente a fim de facilitar o trabalho dos Organizadores e de evitar os transtornos que um número tão grande de inscrições no próprio dia do encontro pode causar.

Para os amigos de “fora da França” que participarão do Encontro, propomos que eles **se pré-inscrevam e paguem suas inscrições no local**, no dia da Abertura: isso nos permitirá preparar com antecedência seus dossiês.

Vocês encontrarão neste MAG2 todas as informações necessárias para chegar até a Cité des Sciences, assim como a lista dos hotéis e a oferta de restaurantes.

Peça o programa!

Vocês lerão aqui o Programa do Encontro, que lhes dará o *timing* das atividades que acontecerão no decorrer dos dias do Encontro.

Com relação a isso, lembramos que a Assembleia Geral da EPFCL-França acontecerá no sábado à noite, das 18h30 às 21h00, na Cité des Sciences.

Chamamos atenção também para a manifestação que acontecerá na sexta-feira, no final do dia, intitulada *Homenagem a Jacques LACAN*, comemorando os 30 anos de sua morte, no decorrer da qual vocês poderão ver uma montagem audiovisual dedicada a seu Ensino, mais especificamente da Conferência pronunciada em Roma em 1974 - A Terceira.

Voulez-vous danser, caros colegas?

Depois da assembleia geral da EPFCL-França, um jantar dançante será oferecido, animado por um grupo de jazz-latino e um DJ “surpresa”.

Depois da noite dançante, mantenhamos o ritmo!

Vocês encontrarão neste MAG o anúncio do VII Encontro da IF-EPFCL, que acontecerá no Rio de Janeiro em julho próximo, e vocês todos estão sendo esperados para esse novo evento, cujo título promete: “O que responde o analista: Ética e clínica?”

E na espera, nos encontramos na Cité des Sciences dias 9, 10 e 11 de dezembro de 2011 para esses três dias do Terceiro Encontro Internacional: “A análise, fins e consequências”!

Nadine Naïtali e Albert Nguyễn.

Interlúdio

*Passant ce sont des mots. Mais plutôt que lire
Je veux que tu écoutes : cette frêle
Voix comme en ont les lettres que l'herbe mange.*

*Prête l'oreille, entends d'abord l'heureuse abeille
Butiner dans nos noms presque effacés.
Elle erre de l'un à l'autre des deux feuillages,
Portant le bruit des ramures réelles
A celles qui ajoutent l'or invisible.*

*Puis sache un bruit plus faible encore, et que ce soit
Le murmure sans fin de toutes nos ombres.
Il monte, celui-ci de sous les pierres
Pour ne faire qu'une chaleur avec l'aveugle
Lumière que tu es encore, ayant regard.*

*Simple te soit l'écoute ! Le silence
Est un seuil où, par voie de ce rameau
Qui casse imperceptiblement sous ta main qui
Cherche
A dégager un nom sur une pierre,*

*Nos noms absents désenchevêtrent tes alarmes,
Et pour toi qui t'éloignes, pensivement,
Ici devient là-bas sans cesser d'être.*

*Yves Bonnefoy
Extraído de "Une Pierre" in Les planches courbes.
Gallimard. Coll. Poésie p.40*

Prelúdios

D(a) insistência á abertura da hiância

Ângela Diniz Costa

Retomo algumas pontuações sobre a repetição em distintos movimentos de articulação conceitual, visando interrogar sobre sua incidência no tempo que se abre ao final da análise.

Por um lado, o conceito de inconsciente é correlacionado à repetição significativa. Nessa vertente, a função do retorno (*wiederkehr*) se mostra fundamental, pois a partir da discriminação, de como a rede significativa se entrecruza, de como ela se repete, depreende-se uma “linguagem formal”¹ na qual essa rede é tecida por leis seqüenciais, em alternativas de sucessões que afluem em impossibilidades, por necessidades de determinadas sucessões; ou seja, esta rede simbólica é constituída de uma maneira tal que escapa ao acaso, fazendo emergir um real, fora do sentido, indicando o fundamento que Lacan soube extrair de Freud a respeito do sujeito: a cadeia ordenada de uma linguagem formal determina o sujeito, ou seja, o simbólico é situado ao lado do autômaton, como linguagem formal constituinte e determinante do sujeito. O discurso inconsciente evidencia como o significativo cava os caminhos pelos quais o sujeito insiste em retornar, e dessa insistência extrai-se o modo como o trauma desloca-se ao longo da existência do sujeito, de forma desconhecida pelo sujeito. Podemos depreender o conceito de inconsciente ligado a um saber que o sujeito não sabe e que ao mesmo tempo constitui-se um tratamento que o discurso do inconsciente realiza do real traumático, à medida que o “*inconsciente assegura a passagem do real traumático do gozo para o simbólico*”².

A repetição funda-se na comemoração de um resto de gozo inesquecível, e ao mesmo tempo vai deparando-se com a impossibilidade de repetir aquela primeira vez. Trata-se da repetição enquanto memória de gozo, que pode ser identificado, e é aí que se encontra a função do traço unário. É no traço unário que tem origem esse saber qualificado como

¹Jacques Lacan. “A carta roubada” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.61.

²Colette Soler. Discurso e trauma In: *Retorno do exílio*. Editora Rio Ambiciosos.

memória de gozo, que trabalha no sujeito, ordenando seus sintomas, a estrutura do fantasma.

No seminário “O avesso da psicanálise”, Lacan nos diz que ele próprio traz uma novidade em sua releitura do texto freudiano, ao apontar a repetição enquanto identificação do gozo. Destaco aqui esse dois termos: identificação e gozo. É na articulação da repetição enquanto possibilidade de identificar o gozo que encontramos a função do traço unário – marca na qual o saber que interessa aos analistas tem sua origem. É no traço unário que tem origem esse saber qualificado como memória de gozo, que trabalha no sujeito, ordenando seus sintomas, a estrutura do fantasma... “É esse saber que interessa aos analistas”.³

Uma outra consideração importante a se fazer para abordar este viés da repetição é que neste percurso, de tanto o sujeito percorrê-lo, acaba por engendrar uma perda de “força, de velocidade”.^{4[4]} Podemos dizer que a repetição é uma busca desperdiçada de gozo. A estrutura lógica da repetição que é extraída pelo discurso analítico em sua experiência, “se situa no nível dos efeitos da repetição dos traços unários sobre o gozo”⁵. A repetição traça, conta e cifra o gozo, e o que se perde dele.

Como tudo nos indica nos fatos, na experiência e na clínica, a repetição se funda num retorno do gozo. “É aí que se origina, no discurso freudiano, a função do objeto perdido”.⁶ Esta referência à função do objeto perdido me remete ao texto “A carta roubada”,⁷ no qual encontro uma colocação de Lacan que me abre a possibilidade de abordar uma outra vertente sobre a repetição em seu entrelaçamento ao inconsciente: “este formalismo ligado à cadeia simbólica, cuja lei pode ser formulada... esse exercício formal inscreve um tipo de contorno, onde o que chamamos de *caput mortuum* do significante assume seu aspecto causal”.⁸ O significante fazendo corte deixa um resto, volta, para se constituir como causa. O que se passa no inconsciente é aquilo que é produzido nessa hiância. É o inconsciente como fenda, tropeço, ruptura que é estrutura de descontinuidade temporal. Aqui a repetição aponta a função de real, qualificado como acidental, inesperado, inassimilável, pelo discurso enquanto encontro sempre faltoso, denominada como tiquê. O que se repete para o sujeito, e que segue as vias traçadas pelo discurso no qual ele está

³Jacques Lacan. *O avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p.44.

⁴Jacques Lacan. *O avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p.44.

⁵Colette Soler. *La repetición en la experiencia analítica*. Buenos Aires: Manantial, 2004.

⁶Jacques Lacan. *O avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p.44.

⁷Jacques Lacan. “A carta roubada” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.61.

⁸Jacques Lacan. “A carta roubada” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.61.

preso, é isto que retorna como hiato entre o significante e o real.⁹ Tal distinção estabelece um gancho para interrogar as vicissitudes da repetição em sua articulação ao inconsciente, no tempo do final de análise. Quais são as premissas que fundamentam a hipótese – de que a experiência analítica intervém na repetição enquanto insistência repetitiva, criando a possibilidade do sujeito poder se separar dessa modalidade de repetição?

Quais consequências clínicas podemos extrair da contraposição do inconsciente-memória, da estrutura pulsativa do inconsciente, cuja manifestação principal é a descontinuidade, apontada pela estrutura de fenda, pela divisão e, sobretudo, pelo que se conhece como falta-a-ser.

Nessa vertente pulsativa, o inconsciente é da ordem do não-realizado, daquilo que quer se realizar. Podemos então pensar que nessa dimensão há um elemento contingencial. Ou seja, abre-se nessa dimensão do inconsciente a possibilidade de pensarmos que ele se realiza de uma maneira ou de outra, conforme o modo que se efetua a direção do tratamento? Podemos dizer que sim, tomando como referência uma afirmativa de Lacan, na qual ele diz que a “existência do inconsciente implica que se o escute”.¹⁰

Incidência clínica

Escutar o inconsciente implica a função analítica. E ela requer um manejo clínico coerente com essas modalidades da repetição em sua articulação ao inconsciente, pois é de pouca valia ficar apontando ao sujeito suas repetições, pois elas não acumulam as unidades que se repetem. Para que a experiência analítica, possa modificar algo das inércias das condições de gozo, fazendo advir a repetição enquanto função do real, é requerido do analista um manejo da transferência, tendo como referência a hiância que constituí a lei de seu ato, assim como a consideração de que o inconsciente enquanto um modo de cifrar o gozo se manifesta na equivocidade da língua. A partir dessas premissas, podemos ainda dizer que o fio que conduz o trabalho analítico, ao colocar em marcha a associação livre, é essencialmente fazer operar o corte entre S1 e S2, pois ao presentificar o corte entre S1 e S2, a experiência analítica fratura o determinismo fantasmaticamente tomado pelo sujeito como aquilo que determina seu destino, fazendo prevalecer tal como escrito no discurso analítico o objeto faltante operando como causa; o sujeito depende dessa causa que o faz

⁹Jacques Lacan. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* [1964]. lição IV, p.55: “A descoberta por Freud da repetição como função só se define com mostrar a relação do pensamento com o real.”

¹⁰Jacques Lacan. “Televisão” [1973] In: *Outros Escritos*. Jorge Zahar Ed., 2003, p.517

dividido, realização do inconsciente como falta-a-ser, estrutura de fenda, de divisão. Esta falta-a-ser implica o advir da repetição enquanto função de real, denominado como tiquê, encontro sempre faltoso. É por esse caminho que possibilita a abertura de hiância, que abre às possibilidades de que “acazos da vida e alguns manejos, possam se intrometer naquilo que está sendo tratado na análise, fazendo incidências na relação transferencial”.¹¹ Como nos ensina a transmissão de Silvia Franco, chegar-se a esse ponto, não é sem um certo atravessamento daquilo que “condiciona” a transferência, ou seja a “coalescência”, a união, a junção, entre o toro do sujeito e o toro do Outro, estrutura da neurose, algo muito evidente nas análises onde “verdades escondidas, as neuroses as supõem sabidas. É preciso destacá-las dessa suposição para que eles, os neuróticos, cessem de representar na carne essa verdade”.¹² Lacan explica então, que cabe ao analista efetuar “o corte graças ao que, essa suposição de saber é arrancada”.¹³ Algo dessa estrutura, dessa coalescência, que o corte, o ato do analista, visa separar, foi atravessada.. efeito da interpretação como um corte, “[...] cortes que têm efeito de subversão topológica”¹⁴ corte no toro do neurótico, evidenciando o furo central, o vazio deste objeto *a*, que a suposição de saber visava encobrir. Nesse tempo a abertura da hiância aos acazos, aos imprevistos provocam seus efeitos: momento em que o sujeito se dá conta do conjunto das suas representações e seu efeito em ato: “Os flashbacks aos quais o cinema nos acostumou, não têm como razão essencial esclarecer o leitor sobre acontecimentos anteriores desconhecidos por ele próprio. Eles funcionam *em ato*: seu valor somente aparece nesse momento para o próprio narrador. De que é feito esse momento? Do ressurgimento fortuito, encontro imprevisto de (três) incidentes aproximados pelo tempo, cada um evocador de lembranças antigas, em si mesmas triviais [...]”.¹⁵

¹¹Silvia Franco. “Das conseqüências analíticas do passe: o inessencial do sujeito suposto saber. Apresentação em Belo Horizonte (setembro de 2009).

¹²Jacques Lacan. *De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p.375.

¹³*Idem*.

¹⁴Jacques Lacan. “O aturdido” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 474.

¹⁵Jean Jacques Gorog. “O passe, a verificação de uma fantasia, e seu lugar na cura” In: *Wunsch n.7*, (versão em português), 2008, p.11.

Breves notas sobre a satisfação

Ramon Miralpeix Jubany

Parto da seguinte consideração: colocar a “variável” satisfação como índice do final de análise é um ato. Se isso é fato deve ser confirmado por seus efeitos nos sujeitos analisados, em seus tratamentos, na condução das análises, nos finais e nos próprios cartéis do passe. Esses efeitos nos sujeitos analisados, apesar de sua visibilidade, não são fáceis de verificar porque não são relativos à estrutura, e não só o verificamos em um *après-coup* imediato em uma relação temporal de sincronia onde o tom da expressão “satisfação” poderia ser o entusiasmo relativo a um *clic*,- mas também em um *après-coup* instalado na diacronia e cuja expressão de satisfação estaria mais a cargo do estilo... e do amor. É certo que a satisfação tem efeitos nas direções do tratamento e em seus finais. Em todo caso esses efeitos os temos podido comprovar já no trabalho dos cartéis do passe. Veja-se especialmente os *Wunsch* 9 e 10.

Porém antes de prosseguir é melhor observar do que estamos falando quando dizemos “satisfação”. Não se trata da satisfação do princípio do prazer, nem da do princípio da realidade, nem da satisfação do desejo, nem da satisfação como equivalente a um gozo¹⁶. Agradeço a resposta de Colette Soler a essa questão em seu texto “Lacan, o inconsciente reinventado”: trata-se de um fenômeno do sujeito afetado pela palavra; “não é o gozo, mas responde ao gozo, como um afeto imprevisível que marca sua causa no saber gozado de *lalangue* que se aloja na palavra”¹⁷.

De todo modo, passando por todo o percurso acerca dos finais de análises propostos ao longo de nossa história, retomo aqui o que disse

¹⁶ Antonio Quinet em seu artigo “A satisfação do final de análise”, em *Wunsch* 10, fez um bom percurso através das diversas satisfações que aparecem durante uma análise

¹⁷ Colette Soler- “Lacan, l’inconscient reinvente. PUF, pg. 31

Albert Nguyễn¹⁸: “a análise se converte em uma experiência de mutação do afeto até uma nova satisfação”.

Esta nova satisfação só pode ser relativa a um novo sintoma. Que o sintoma se defina desde sempre em psicanálise como satisfação- ainda que substitutiva- e também como mensagem, indica o nó que se afrouxa, se desfaz e se refaz várias vezes em uma análise, porém que vai rápido, do sintoma de transferência ao sintoma fundamental, o sintoma borromeano “que amarra para cada um, de maneira singular, o desejo e os gozos, o Imaginário, o Simbólico e o Real”¹⁹.

Que continue sendo mensagem é fundamental enquanto implica uma função de relação com os outros. Porém não se trata de mensagem-discurso colocada na dialética do par demanda-desejo relativa à solicitação de reconhecimento pelo Outro, na dialética da interssubjetividade, na dialética da palavra sempre enganosa. A satisfação faz aí a função de signo, e o que esse signo transmite como “testemunho epistêmico”, não é apenas o saber real que o causa - toda satisfação por um gozo, ainda que seja dolorida, pode ser lida como signo do saber real que a causa-, mas além disso, e especialmente um saber fazer com isso.

A pergunta é: como se transmite esse saber-fazer com esse saber real? Acredito que podemos encontrar um “modelo” de resposta na lição 4 de 21 de janeiro de 1975, do Seminário, livro 22, RSI, quando Lacan fala de um pai como modelo da função sintoma, nesse caso modelo não de como arranjar-se com o Outro sexo, mas sim como “alguém contingentemente e a sua maneira, conseguiu arranjar-se algo” (e podemos acrescentar, sem saber muito bem como). A transmissão aqui é para um sujeito em particular que pode recebê-la: o filho. Neste sentido, acredito que não seria descabido falar também aqui de placa sensível da função sintoma de pai para filho.

¹⁸ Albert Nguyễn. Argumento. MAG- julho

¹⁹ Colette Soler. Op.Cit.p.107

Em nosso caso a pergunta é a mesma, porém dobrada, se posso dizer assim: em primeiro lugar sobre a ou as vias de verificabilidade desta mutação no sintoma- que terá afetado o analisante prestes à analista tanto quanto terá afetado seu ser no mundo- e em segundo lugar, sobre a transmissão da função, função sintoma também, neste caso sintoma analista para seus analisantes - e na Escola, em relação aos seus congêneres (não me refiro só ao AE).

Em relação à primeira questão, relativa ao momento de mudança, se ao gozo responde uma “satisfação atual”- de agora e do ato- e se a satisfação é nova, deve ser porque o gozo ao qual ela responde é diferente do que era; então, no momento de testemunhar sobre o ato, sobre o sincrônico do “clic”, “... se há franqueamento, só pode ser traduzido no nível do estilo do dizer do passante...”²⁰, quer dizer no que transporta o dizer sem sê-lo, como signo de mudança, de diferença. Por isso deverão sintonizar-se as placas sensíveis do passante, do passador e do cartel do passe, e por isso o caráter contingente da nomeação.

E quanto à transmissão, só será possível verificá-la, ou reconhecê-la *a posteriori*, por um desejo (pois pelo desejo responde o movimento que o gera, e ainda que seja inacessível... o desejo pode ser reconhecível, repito *a posteriori*, pelo rastro que terá deixado neste movimento e este rastro não será constituído só pelas balizas dos atos, mas, sobretudo, como eles foram feitos, quer dizer, o estilo), e pelo novo amor, que “é signo, escandido como tal, de que se muda de razão, e por isso o poeta se dirige a essa razão. Muda-se de razão, quer dizer de discurso”²¹.

E quanto ao estilo, talvez não vejamos como pode ser matematizável, porém isto não significa absolutamente que estando no enigmático estamos na magia. Permitam-me ilustrá-lo com o modelo dos músicos, mas

²⁰ Soler, C. “Estilos de pases”p.67, em Wunsch 10.

²¹ Lacan, J. Classe 2. A Jakobson, de 19 de dezembro de 1972. Seminário 20. Mais Ainda.

concretamente dos intérpretes. Façam a prova, até porque além de fácil, certamente é “instrutiva” e “satisfatória”: tomemos as “Variações Goldberg” de JS Bach e as escutemos interpretadas, por exemplo, por Kenneth Gilbert, por Chen Pi-Hsien, ou por Jacques Loussier, e encontraremos três estilos bem diferentes, mesmo que as diferenças permaneçam veladas pelos diferentes instrumentos eleitos. Escutemos depois as “mesmas” Variações interpretadas por Glenn Gould, primeiro em sua gravação de 1955 e depois na de 1981. Encontramo-nos fundamentalmente com uma mutação no estilo: se pode dizer o mesmo, porém está claro, que não é o mesmo. E isso se transmite.

Barcelona setembro de 2011

Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda

Pelo desejo de saber

Albert Nguyên

Obter mais do que uma « tagarelice banal», Lacan situava assim o que está em jogo na análise, na ocasião do Congresso da EPF sobre a transmissão. Um desejo de saber que a análise des-vela²² em seu fim e que assegura suas consequências, depois de limitada a verdade mentirosa e consumido lenha na fogueira ²³ da verdade, constitui o que se pode deprender de inédito ao término do percurso.

Os fins, resultados ou finalidades e, a partir da abertura que inauguram, as consequências.

Hoje em dia, é a partir da concepção do Real que se consideram as consequências: em quais campos? Consequências de separação, elas ratificam a mudança, a mutação da relação com o real. Desde a Nota Italiana, sabemos que o vazio de Deus é condição desta mutação: advento da angústia, advento da não-relação sexual, advento da morte e sua travessia, advento de uma vivência até então recalcitrante, franzina, ignorada ou recusada. Se há humor, não é o do Deus das figuras decorativas, é afeto, “falafeto”²⁴ mesmo, que conduz à satisfação. E por causa desse “bastante” que permite a saída que o analista «deve proporcionar com urgência» ao analisante, como diz o Prefácio à edição inglesa do Seminário XI.

Como alcançar essa satisfação? Ela atinge o saber ao qual se supõe uma mudança de valência. Ora, a posição analisante caminha bem mais na direção da recusa, da evitação, da rejeição, até mesmo do ódio do saber, do que na direção do desejo. Numa só palavra, é o horror de saber que governa. E este horror tem menos a ver com os acontecimentos da história subjetiva do que com o advento do que horroriza o sujeito: um saber sem sujeito, e que produz o inconsciente real.

O inconsciente real, este horror de saber não se deixa pegar no laço, o que não impede de detectar seus efeitos, e pelo horror de circunscrevê-lo. O cingimento do horror não significa sua extração: ele faz disso – sob a

²² No original: *dé-livre* decompõe-se em *dé*, elemento de afastamento ou separação, além de “dado” e “dedal”, e *livre*, do verbo *livrer*, liberar, libertar, além de “livro” e “libra”, unidade de medida.

²³ No original: *bois de chauffage*

²⁴ No original: *Parlaffect*, condensação de *parler*, falar, e *affect*, afeto.

condição de não se perder uma única letra – um achado, até mesmo um “lachado de lelangua”,²⁵ desta por meio da qual é justamente o não-sabido que ordena a moldura do saber. Doravante o não-sabido não é mais fonte de horror, mas fonte do desejo de saber, ponto vazio a partir do qual o sujeito se oferece ao que poderíamos chamar de « liberdade lacaniana » : liberdade de dizer e de agir, de pensar, de silenciar, de saber um pouquinho mais sobre a vida e a morte. Em outras palavras, é passar pela experiência do impossível que subsume toda questão de liberdade.

Fim e consequências são solidários da entrada e da conclusão da análise e o analisando se encontra em posição de responder em diferentes níveis:

- a demanda daqueles e daquelas que desejam se engajar no percurso.
- a Escola, pelo serviço da qual ele testemunhará de sua posição no que diz respeito aos pontos cruciais no que se encontra na sua relação com a psicanálise. A Escola ainda, pois se trata de construir e dar vida a uma comunidade sempre ameaçada pelo desconhecimento do Real, pela identificação e pelos sucedâneos do objeto a.
- o Real e seus acontecimentos: resposta à angústia, provocar um pouco de vergonha, não muita, colocar o ódio em seu lugar, responder ao impossível.

Eis aí o ponto crucial.

Não é propriamente o caso de responder ao impossível, mas responder a partir do impossível. Este “do” impossível quer dizer ser respondente mais do que dar respostas ao Real. É mais inventar o respondente ao Real que « o sujeito, como efeito de significação, é resposta do Real. E, para que ele possa inventar essa resposta para si, a ênfase será posta mais no ser do que no sujeito : o efeito sujeito é castrador, o efeito de ser é satisfação, afeto de gozo. Justamente por isso o entusiasmo do desejo pode responder ao gozo da satisfação.

O leite da verdade faz adormecer, diz Lacan, levanta-se, então, a questão de saber como uma satisfação pode não gerar nem inércia nem suficiência, mas, ao contrário, como ela se articula com tudo que se revela no registro da falta na análise.

²⁵ No original: *é-trouvaille de l'é-langue* (onde *langue*, língua, se une a *élan*, o elã; próximo a *élangues*, palavra criada por Philippe Sollers e retomada por Lacan na primeira lição de *O Seminário, livro 23*)

O recurso à topologia se faz necessário para situar o que acontece com o real enquanto fora do simbólico e, contudo, apreendido na estrutura: o nó borromeano, na medida em que mostra a repartição do gozo, as relações entre o simbólico, o real e o imaginário, o ponto de estofo que constitui o objeto a, escreve as mudanças do gozo no fim de uma análise, sob a condição de que se manipule esses nós (cf. O livro de Michel Bousseyroux).

Quaisquer que sejam as circunstâncias, o passe deve ser capaz de prestar contas tanto do cessar da busca de sentido quanto da nova distribuição dos gozos. O afeto de satisfação, que não se comprova mas se experimenta, verifica “o que se sabe, consigo”²⁶ de Lacan, mas de que modo o cartel pode ser capturado por isso?

Nos testemunhos ouvimos de que maneira o sujeito se separou do Outro e o passe deve dar o devido relevo às operações de separação deste desejo. O testemunho, mais além, deve poder indicar o que não procede do Outro e que pode ser resumido por “os acontecimentos do real” que Lacan declinou sucessivamente : angústia, afetos enigmáticos, acontecimentos de corpo, manifestações do gozo Outro. É disso tudo que depende o advento de um estilo (quer dizer, o seu reconhecimento), na medida em que o estilo é marcado pelo inimitável e pelo irreduzível: de onde decorre o lugar que tem que ser deixado para os efeitos de lalíngua.

As consequências serão inscritas no “estilo de vida” e na opção de Escola para um psicanalista, mas “não sem” o encarregar-se da tarefa temível “de ampliar os recursos do saber”, quando sabemos que não negligenciam o inconsciente real.

Bordeaux, julho de 2011

Albert Nguyên

Tradução de Vera Pollo

Revisão de Dominique Fingermann

²⁶ Cf. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003: 567.

O A.M.E. sintoma da “Proposição”

Xavier Campamà

Há mais de 40 anos da Proposição e a quase 10 do nascimento de nossa EPFCL, parece-me interessante propor uma análise sobre o título AME.

Lacan, com a fundação de sua Escola e a posterior Proposição, procura estabelecer um modelo que faça nova experiência, pois, para ele, tratava-se de preservar fundamentalmente que houvesse psicanalistas que estivessem à altura do ato que uma psicanálise requer. “Fica estabelecido pois que a Escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa. Pode e por isto deve” (J. Lacan, Proposição de 9/10/67). Com este propósito criava dois *gradus*: o AE e o AME, títulos que ainda sobrevivem.

Desde a instauração do passe, seu mecanismo não sofreu grandes modificações. A aposta aponta para o nodal da experiência analítica e procura verificar se, como resultado da mesma, o sujeito que escolhe fazer o passe advém à posição de analista. Lacan dá ao título de AE, ao qual concede maior reconhecimento, uma duração temporal muito limitada em comparação com a do AME, de caráter permanente. É um aparente paradoxo que aquele que se arrisca a *hystorizar* sua própria análise, após ser nomeado e contribuir com a Escola com uma transmissão a partir do que sua própria análise decantou e mesmo da experiência do passe, disponha de um título efêmero. No entanto, Lacan nos recorda na reta final de sua vida: “Pois mais vale que passe este AE, antes que vá direitinho encastrar-se na casta” (*Carta para a causa freudiana*). É toda uma declaração de princípios!

Ele, que conhecia bem os meandros da IPA como malogro da psicanálise e após um tempo de aplicação de sua Proposição na EFP, pode observar com grande sensibilidade o que se desenrolava no interior da mesma, tanto no sentido do que pretendia inovar, como dos constantes obstáculos que apareciam. E não deixou de ser autocrítico com sua própria pudência, como quando se dirigiu aos italianos a propósito dos AME (*Carta*

aos Italianos), ou na espera até a dissolução de sua Escola mediante a qual realizava um corte radical para convocar a uma contraexperiência, lembrando que o objetivo com o qual havia fundado a EFP permanecia vigente. Em sua “Ata de fundação” já indicava “que mediante uma crítica assídua, denuncie seus desvios e seus compromissos que amortecem seu progresso ao degradar seu emprego”. Parece-me pertinente destacar a necessária “crítica assídua” a antecipar que sempre reaparece a deriva em afastar-se do genuinamente analítico.

Dispomos da referência do que cada qual, finalmente, encarna na vida, no interior das instituições analíticas, do transmissível de um saber analítico e das análises que conduz. Assim como do que acontece no tempo posterior a uma nomeação, seja a de AE ou de AME e que, retroativamente, vem dar conta sobre a conformidade desta. Polarizei dois estilos de analistas nomeados, com todo o risco que tem esta simplificação.

Em primeiro lugar se pode situar o AME, nomeado em algum momento AE ou que poderia tê-lo sido, isto é, não-sempre não-todo AME. Bem além de seu sintoma final, seu estilo deriva do desejo do analista, aquele que marca sua posição nos tratamentos que conduz e também a posição de enunciação a partir da qual fala em sua transmissão analítica. Essa singularidade palpável provém de que, em sua análise, constatou a fabulação de um Outro configurada por sua determinada posição feita de significantes e gozo; então, essa queda do Outro e o encontro com o real abriram ao desejo próprio e ao limite de um sintoma, um sintoma com o que saber fazer na vida. O abotoamento dessa experiência analisante com a posição do analista traz o selo de sua posição frente ao real da experiência analítica, base de sua ética, o que de alguma maneira infiltra o saber que transmite com uma enunciação particular de seu discurso, testemunho concordante entre sua capacidade para o ato analítico e seu dizer, o que se traduz em efeitos de intensão e extensão.

Quando o AME não se sustenta da passagem de analisante a analista, apesar da autoautorização, se constata singularidades que, entretanto, levam, de alguma forma, a marca de fazer o Outro existir, inclusive deslocadas para a causa das instituições analíticas. Tomo um exemplo do passado, lembremo-nos de alguns AME sustentando os imperativos do Um na AMP, que fosse através da figura do trabalhador decidido, de uma militância cega, a idealização de um saber, etc. Neste caso, os traços de singularidade não necessariamente supunham um impedimento a uma

contribuição ao conjunto institucional, porém, o estilo conotava bem mais uma posição alienada e um gozo sustentando o Outro, do que aquela atravessada por ocupar a posição de objeto causa de desejo. E isto também tem seus efeitos não só nos tratamentos, mas também na transmissão analítica e o lugar dentro do institucional.

Por outra parte, me parece imprescindível abordar um contraponto, o do que pode representar o título de AME em relação ao de AE. O passe é esse invento de Lacan que impede aos que desejam ser ou se dizem analistas subtraírem-se ao fundamental de uma análise didática: por à prova se há ou não desejo do analista. Lacan o lembra, em diferentes ocasiões, como um desejo não habitual, estranho, esse de ocupar o lugar de dejetivo e o dessor. Por isso, e além da margem de erro do que pode ocorrer no dispositivo do passe desde seu nascimento, a escassa nomeação de AEs não seria um indício disto? Por outra parte, que nossa EPFCL situe o passe no seu próprio coração pode constituir a advertência permanente do que faz furo no institucional por mais que esteja orientado pela causa analítica.

O AME tem sua origem em alguém que se autorizou “por si mesmo” a exercer a psicanálise ainda que seja diante de outros, também é membro da Escola e ao qual, em um determinado momento, lhe chega, do Outro-Escola, a significação de que “o reconhece como psicanalista que provou ser tal” (2ª. versão da *Proposição*). O que entendemos ser um psicanalista que prova sê-lo para ser nomeado AME? Recordar algumas precisões sobre o que Lacan trouxe a respeito deste título pode nos permitir situá-lo.

Temos a orientação para sua escolha: o critério de seus trabalhos, o estilo de sua prática e também pela prova segundo a qual, se um analisante seu que realize o passe for nomeado AE, já provaria sua posição de analista (ver 1ª. versão da *Proposição*).

Também dispomos de uma especificação sobre o que o jurado de acolhimento valoriza para nomear um AME: a concordância de seu analista, a opinião de seus supervisores, os testemunhos concordantes sobre sua prática, sua participação nos trabalhos da Escola – cartéis, etc. – e também, opcionalmente, sua produção escrita. No entanto, há outras considerações de caráter político, já que Lacan valoriza como um mal menor o fato de atribuir a estes AME funções diretivas para ter uma distribuição prudente da responsabilidade da dimensão coletiva da Escola. Mesmo assim, não deixa de lado o critério que responde à necessidade da projeção da Escola para o

exterior, no sentido de mostrar o tipo de orientação que dão os analistas à sua prática (*Princípios concernentes ao acesso ao título de psicanalista da EFP*, janeiro de 1969).

Podemos acrescentar outras considerações. Um título permanente, que tem essa conotação de vitalício, pode favorecer, para alguns, a instalação, ficar demasiadamente agarrado à etiqueta de AME, algo que afasta da tensão necessária, requerida à posição do analista na renovação necessária do ato analítico, e cara à política da Escola. Daí esse toque de atenção que Juan del Pozo nos oferece em seu prelúdio “O AME des-instalado”.

Quando em nossa EPFCL se falou do fator quantitativo, geográfico... na nomeação de AME. Ou quando, nesse sentido da Escola voltada para fora em um mundo caracterizado pela regulação, os *curriculums*, a busca de resultados imediatos, a avaliação, estes fatores podem influir nas demandas aos analistas – compromisso, número de sessões, duração... – então, a nomeação de AME pode ver-se, em parte, influenciada por fatores como os mencionados, nesse de fora para dentro da Escola. Capta-se que na falta de uma garantia suficiente, a nomeação depende dos critérios adotados, cujas significações podem ser cambiantes. Porém, essa marca é de origem: Lacan em seu grafo do desejo situa o AME no lugar de s(A), significado do Outro, lugar do sintoma (1ª. versão da *Proposição*). Ninguém se autopropõe AME. Porém, cada vez que nossa Escola reconhece alguém como AME está dizendo o que para ela é um analista que prova sê-lo.

Por outra parte, e assinalando algo central, em nossa Escola se atribui ao AME a faculdade de nomear passadores, o que implica que possa conduzir uma análise praticamente até sua finalização. Isso toca os critérios de seleção.

Recordemos que o procedimento de seleção do AME segue um itinerário que vai desde a proposta de um candidato, efetuada por um ou vários AME, ao Dispositivo de Escola Local (DEL)²⁷ que, por sua vez, exerce o primeiro filtro antes de elevar essa candidatura ao CIG, até a conclusão alcançada pelo CIG. Este método de seleção não tem a estrutura do chiste que podemos encontrar no passe, razão pela qual dependerá de como se exerçam os critérios de seleção. Ainda que se busque a concordância de critérios entre o CIG e o DEL, são eles homogêneos ao

²⁷ No Brasil, corresponde à CLEAG (NT)

largo do itinerário mencionado? Em nossos textos estatutários a respeito da garantia concernente ao AME, se faz menção aos critérios de seleção sem especificá-los, ainda que finalmente nos guiemos pelos que foram propostos por Lacan. Contudo, para cada um deles pode haver um nível de interpretação variável.

Para exemplificá-lo com um dos critérios fundamentais, o de consultar o psicanalista de um candidato, pode considerar-se suficiente um importante percurso analítico e a vontade de ser analista, quando sabemos, inclusive, que uma análise finalizada não equivale a que haja analista? O que cingir então?

Creio que este percurso reafirma o lugar sintomático do AME. Também poderia induzir à abertura de um debate em direção a aprofundar os critérios de seleção do AME e fazê-los constar no capítulo da garantia, dentro dos “princípios diretivos para uma Escola...” Isto seria algo que ajudaria a orientar-se na dimensão internacional/local. Mas, fundamentalmente, se trataria de uma modificação de critérios no sentido de apostar em uma exigência maior na hora de dar a garantia. Pois, seguramente, não é sem consequências para nossa EPFCL, para seu dispositivo do passe, para a formação dos que se aproximam da mesma, a psicanálise dos que pretendem ser analistas assim como o tipo de transmissão que possa predominar.

Barcelona, agosto de 2011

Tradução de Graça Pamplona

O tempo passando/passante

Nicolas Bendrihen

Se há um afeto amplamente descrito pelos passadores, no momento em que eles recebem pelo passante a comunicação de suas designações para essa função, é, em primeiro lugar, com certeza, a surpresa e com frequência o entusiasmo, em seguida. Do lado do passante, escuta-se também frequentemente o sentimento de “evidência”, o momento chegado, para se engajar no dispositivo do passe, de evidência para ir testemunhar sobre seu percurso, e eventualmente sobre sua conclusão.

Logicamente, passador e passante estão próximos no tempo. O passador “o é ainda, esse passe”¹, enquanto que o passante o transpõe e o testemunha. O passante transmite ao passador sua resolução de certos impasses, no ponto onde o passador está, ele mesmo, caminhando para resolvê-los. Passar a passante, quando se é ou se foi passador, seria então uma etapa também totalmente lógica, e deveria vir logo em seguida, de preferência rapidamente.

Ora, há uma evidência nessa passagem? E dentro de qual lapso de tempo?

A passagem a analista pode ser efetiva, ou julgada como tal pelo analisando, sem que o sentimento de evidência a se apresentar no passe apareça. Medos imaginários podem fazer obstáculos: inquietudes sobre a confidencialidade, sobre a recepção do testemunho... Não chegamos tão rápido à conclusão de um resto inanalizado no sujeito! A esse respeito, a experiência como passador pode dissolver esses temores que não se revelam tão determinantes uma vez vindo o momento de testemunhar, dessa vez como passante. De onde vem então essa evidência? O que a “despara”, quando ela não é sustentada pela dimensão imaginária de verificação pelos outros de sua experiência e construções, na preocupação mais ou menos implícita de autorização a um momento de entrada na prática onde nada mais parece verdadeiramente certo! O seminário da Escola em Paris este ano pôde trazer testemunhos de uma evidência que se impõe para além do imaginário, no momento oportuno. Eu não os retomo aqui², mas podemos notar que não há provavelmente evidência que valha sem enodamento a um

real, que ele se apresente sob a face de um impasse, reconhecido e sobre o qual desejamos testemunhar, ou no fio cortante de um ato que flagra o sujeito na sua dimensão inédita, de modificação na relação com o gozo...

É como se, nesse momento, o real em jogo na passagem do analisando a analista se enodasse ao desejo de testemunhar, e engajassem o sujeito no dispositivo. É esse momento, ponto de virada atestando o engajamento no dispositivo, que se torna o tempo próprio do passante. Mas o momento desse engajamento em si mesmo, enodamento do real e do desejo de testemunhá-lo, não aparece previsível no tempo, uma vez que os sujeitos podem se engajar no dispositivo nos momentos imediatamente posteriores ao momento do passe, ou anos depois. A evidência, se ela se impõe, não se programa; ela permanece contingente. E quando essa evidência não advém “rapidamente”, não é impossível que uma nova ocorrência do real, à distância, precipitará o testemunho, no momento oportuno.

Portanto, não seria necessário testemunhar nos momentos que se seguem imediatos ao momento do passe, dentro de um certo “frescor”, antes que o véu do hábito recubra a entrada na prática e faça o jovem analista esquecer as razões que o levaram a ocupar essa função impossível?

Lacan assim o queria: “Certamente, não eram aqueles que já estavam mais instalados que se encontravam em condições, como se poderia esperar, de trazer um testemunho quente da experiência que os havia levados até lá” diz ele à Escola Belga de Psicanálise em 1972³. Mas o que ele diz em seguida diferencia um pouco a evidência do “bom testemunho” que seria aquele dos mais jovens na experiência: “e é uma pena na medida em que os melhores devem, contudo, saber alguma coisa, apesar de um certo distanciamento tomado por eles no que diz respeito justamente a esse momento, a esse momento crucial da passagem, da passagem ao ato”.

De fato, esse momento do passe, “momento crucial da passagem” tal qual é vivido na cura, pode ser ele atingido pelo recalque, quando ele atesta para o analisando uma mudança importante na relação com o saber? Claro, “Nós nos acostumamos com o real. A verdade, nós a recalamos”⁴. Mas podemos verdadeiramente esquecer a luminosidade desse raio, embora tenha iluminado apenas por alguns segundos? A paisagem está, portanto, bem modificada, é o que testemunham os passantes, mas também os passadores – em todo caso a maioria daqueles com quem pode realizar trocas nos cartéis ou grupos nos quais nos consagramos a essa “função”.

Que a evidência de testemunhar não se impõe ao passador mesmo além do momento de virada de passe, mesmo que separado de seu analista e ele mesmo, o passador, entrado na prática, mas o momento oportuno se imporá, não sem o real da contingência, é algo que nós poderíamos sustentar, ao um por um dos sujeitos. E um testemunho distante do momento de passe não abriria um outro ramo do nosso laboratório de pesquisas que é o passe, uma abertura sobre os efeitos da análise para além da separação do analista, uma abertura sobre aquilo que se torna o desejo do analista passado o tempo do entusiasmo onde ele se destacou? O tempo passando, não poderíamos também verificar a permanência de um certo número de efeitos da cura sobre a vida do sujeito? Essa conduta que o sujeito saberá se dar⁵ após a cura, o que se tornará ela com o tempo? A provação do tempo não viria trazer uma validade suplementar às construções subjetivas do pós-passe, como aos destinos da fantasia atravessada? Muitas são as continuações que poderemos abordar nesse terceiro encontro da Escola no mês de dezembro em Paris.

Agosto 2011

Tradução de Fernando Silvério Alves
Revisão de Dominique Fingermann

NOTAS

J. Lacan, « Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École », *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 255

² La plupart des textes sont publiés dans le *Mensuel* n°59 et 62

³ J. Lacan, « Séance extraordinaire de l'École belge de psychanalyse », le 14 octobre 1972. *Quarto*, 1981, n° 5, pp. 4-22 (et consultable sur Pas-tout Lacan)

⁴ J. Lacan, « L'instance de la lettre dans l'inconscient », *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, p 521

⁵ J. Lacan, « L'étourdit », *Autres écrits, op.cit.*, p. 487

Qual entusiasmo?

Bruno Geneste

Como indica o título de minha comunicação, se tratará nas linhas que seguem de interrogar o termo do entusiasmo que se formula habitualmente, um pouco à maneira de “socorro”! , com exclamação de circunstância. E, de fato, este termo vem ao socorro de uma Escola de psicanálise fundada diferentemente de uma sociedade de psicanalistas, seu agrupamento podendo sempre cair nessa tentação. Lacan introduziu o termo em 1974 na sua “Nota Italiana” e aponta o desejo do analista a verificar no passe. Há uma viragem, que se dirá com Colette Soler “prova pelo afeto“, onde até então o passe não sendo introduzido, prevalecia a travessia do fantasma como testemunhando o fim de análise.

No entanto, Lacan já colocava no fim de seu *Seminário XI* a questão seguinte: “*Como um sujeito que atravessou o fantasma radical pode viver a pulsão? Isto está além da análise e não foi nunca abordado. Só é abordável atualmente ao nível do analista*” [1]. Eu faria uma primeira hipótese: a introdução do termo entusiasmo é um elemento de resposta à questão colocada por Lacan, resposta que a “Proposição sobre o psicanalista e a Escola” prepara. A “Nota Italiana” é o momento em que lembrando a dificuldade de Freud para pensar o fim, pelo fato de seus amores com a verdade e reafirmando de um mesmo movimento o *Sicut palea* de Tomás de Aquino como modelo do passe ao analista enquanto ele sabe ser um dejetivo, Lacan dá uma volta a mais convocando atrás da marca do desejo do analista que os congêneres devem “saber”, encontrar, o afeto do entusiasmo. Juntar a marca com o entusiasmo conduz a irredutibilidade da marca ao real para o qual ela abre.

Então, qual(is) entusiasmo(s)? Não aquele que fez toda uma juventude “*se sacrificar por pequenos ideais* [2], nem os aprovativos recebidos pelo próprio Lacan quando da leitura de seu “Discurso de Roma”, e a respeito dos quais ele manifesta a maior reserva, visado do embaraço psicologizante que eles assinalavam no auditor, (Lagache no caso). Lacan nos lembra isso em “A psicanálise: razão de um fracasso”. Tratar-se-ia

então do “*nada de entusiasmo*” que abre “Do sujeito enfim em questão” [3]? Um nada, isso remete ao objeto; nem clarão, nem faísca, ao que portanto, à partir de 1967, nós o relacionáramos mais. O termo é sem dúvida para considerar como corrente, no ensinamento de Lacan, do vazio de objeto causa à formalização da não-relação sexual e ao gozo irreduzível.

Porém, como justo ponto de partida, interroguemos primeiro a etimologia, Lacan nunca escolheu casualmente os termos que ele utiliza. E *a fortiori* numa circunstância como a seleção de analistas! O termo grego de *enthousiasmos* indica o transporte divino e o delírio sagrado que capta o intérprete da divindade! Segundo os filósofos (entre outros Plotino, Pascal, Spinoza e Nietzsche), ele é associado à experiência mística, a alegria exstática e ele equivale aos êxtases tais como São Tomás fez a experiência no seu legendário *abstractio mentis a sensibus*. A partir de Rabelais, ele é a força que empurra o homem a criar, mais tarde a excitação coletiva suscitando uma emoção alegre e, enfim, a devoção a uma causa. O que nos ensina esta breve incisão histórica em relação às elaborações de Lacan, é que não saberia examinar o entusiasmo sem considerar as seguintes dimensões: a questão do gozo Outro e do não-tudo; a causa do desejo cujo ato e a interpretação são as flechas disparadas; o saber de invenção. Este entusiasmo é, portanto, prelúdio a uma Escola de psicanálise à medida desta tripla condição.

Antes de abordar o exame destas exigências ressaltamos que a definição de Colette Soler [4] permite precisar que se trata de um afeto que impacta diante de uma transcendência que anula o sujeito, de um afeto contingente que não se produz em toda análise e que se deve a decisão de ser: uma “chance”, *tyché*, portanto afirmando a relação deste afeto com real, finalmente colocado no seu devido lugar.

Tomemos primeiro a questão do não-tudo. O que quer dizer Lacan se não for, nada menos que a necessidade da relação do desejo do analista ao $S(\mathcal{A})$. “É do não-tudo que procede o analista”[5].

Para isso, o entusiasmo não é exstático como aquele de São Tomás. É preciso um ato a mais para o desvelamento de $S(\mathcal{A})$, ato que não se produziu no caso de São Tomás, a experiência de gozo místico tendo-o conduzido a morte. E arrisquemos a palavra, um ato de re-enlaço que tem que se produzir uma vez flagrado essa percepção. Neste ponto, a verdade voa como uma palha (palea) sem ficar, no entanto, ficar como um sopro no

vento divino, e o que se produz é o analista “*homem de palha do sujeito suposto saber*”[6]; rejeitada, excluída quando na experiência se aborda o real, a verdade só terá sido material bom para fazer liteira da letra, madeira de aquecimento. Ela se verifica sendo apenas um buraco, o buraco que abre o hiato da não-relação sexual, e por onde gozam os disfarces episódicos do objeto a. É este hiato que era zombado, a palha de São Tomás, que Lacan toma a liberdade de traduzir em esterco. Evoquemos aqui para fazer imagem o Seminário *L’insu que sait* onde Lacan vai falar da histérica em termos topológicos. Para amparar o buraco de palha de São Tomás que torna a experiência impossível de ser toda escrita, ergue o pau (*trique*) da histérica. A histérica se serve da paixão da verdade e do amor do pai como uma armadura tórica sustentando sua identificação fálica. A análise é a desconstrução deste pau (*trique*) da identificação que ela transforma numa banda unilateral – onde o ser do saber e o ser do desejo se nodam de uma só borda-banda a qual corresponde “o eu não consiste senão em um inconsciente” seja uma colocação em continuidade do consciente e do inconsciente que Lacan chama a histeria perfeita.

Em seguida, este saber não é tão fácil assim; ele não se “soma”, mas se inventa na borda do real. A tarefa do analista é de conduzir o sujeito a seu fantasma; é aprender como ele fez para se defender do real da diferença sexual. O desejo do analista atravessa o campo do esperado no intuito de tocar ao impossível do sexo. É daí que pode se vislumbrar para o sujeito um saber novo no fim de análise, saber não esperado, saber de invenção um pouco menos pobre que o saber do inconsciente-linguagem, que é falta de imaginação desvairada. Lugar é feito de um saber furado do qual a causa é real, a partir do evidenciamento do porque da fixação ao objeto do fantasma que o tapava. Vai tratar-se de fazer desejo desse saber no real.

O entusiasmo é, portanto, uma posição do afeto a considerar desde o vislumbrar do furo (trou) e a situar pelo achado (*trou...vaille*) [7]. Não transbordando, mas... de borda, cercando o horror de saber. Para se ter uma idéia disso, pode-se seguir os desenvolvimentos de Lacan no *Mais, ainda* sobre o barroco. O barroco é uma colocação em forma do horror da revelação cristã. Esta ultrapassa Aristóteles, que supunha a existência de um pensamento suposta ao pensar, um ser supremo do conhecimento como lugar onde se saberia qual é o bem de todos. Seu *Organon* permanecido esboçado mostra aí o desconhecimento da não-relação sexual. O barroquismo é um “truque”, um truque não matemático, para abordar a

não-relação: uma exibição de corpos gozantes... sem a cópula. Como o barroco, o discurso analítico permite encontrar sobre a questão do gozo algumas pequenas coisas por vias essencialmente contingentes.

Este entusiasmo será que Lacan o reserva ao analista? A questão é antes que um analista que não será movido por este afeto não conduziria o seu analisante senão a esbarrar com o que do real é negatividade de estrutura (real do inconsciente) para dar à cura um contorno apenas depressivo, tratando certamente da impotência, mas não produzindo no analisante uma resposta positiva provinda do real (inconsciente real) é preciso este afeto do entusiasmo para sustentar o desejo do analista para resolver por pouco que seja, o horror ao ato.

Cheguemos às conseqüências disso: Lacan faz depender o campo da psicanálise em extensão de onde ela se enraíza como experiência em intensão numa cura. Sem real na intensão, não tem campo real da psicanálise, nem Escola de psicanálise que leva em conta o real, nem tampouco de campo lacaniano. É desde então, um retorno as sociedades e a seus rituais, a sua “*felicidade geral pintada, no entanto, de depressão*” [8]. O enlace efetivo entre intensão e extensão depende do desejo do analista. Se o analista “*se autoriza por si mesmo*” [9] é por não estar aí como sujeito e por levar em conta a resposta do real que afetou seu ser. O “*dele mesmo*” indica que é de um entusiasmo *do real* [10] limpo de toda exaltação e contingente, que o analista se autoriza para sustentar a causa analítica.

Notemos para terminar que este passe-prova pelo afeto encontrará seu prolongamento no “Prefácio da edição inglesa do seminário XI” com a colocação no primeiro plano de um outro afeto, a satisfação de fim; pode-se aliás puxar o fio da elaboração de Lacan entre estes dois curtos textos que dão a medida do desejo do analista, acomodado primeiro sobre o vazio da causa e *in fine* sobre a identificação ao sintoma, identificação que é o outro elemento de resposta a questão inicial sobre a pulsão.

*Tradução de Tereza Oliveira
Revisão de Dominique Fingermann*

NOTAS

[1] J. Lacan, *Le séminaire livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil, Coll. Le champ freudien, 1973, p. 246.

- [2] J. Lacan, « Introduction théorique aux fonctions de la psychanalyse en criminologie », in *Écrits*, Paris, Seuil, Coll. Le champ freudien, 1966, p. 137.
- [3] J. Lacan, *Écrits*, op. cit. p. 229.
- [4] C. Soler, *Les affects lacaniens*, Paris, PUF, 2011.
- [5] J. Lacan, « Note italienne », in *Autres écrits*, Paris, Seuil, Coll. Le champ freudien, 2000, p. 308.
- [6] J. Lacan, « Discours à l'École Freudienne de Paris », in *Autres écrits*, op. cit., p. 275.
- [7] Cf. celui dont Lacan fit preuve le 16 Décembre 1975 lorsque Soury et Thomé lui apportèrent la découverte de l'existence d'un nœud borroméen de quatre nœuds à trois.
- [8] J. Lacan, « Note italienne », op. cit., p. 309.
- [9] Ibid. p. 308.
- [10] La portée de cet article « du » serait à préciser. Seulement ici veut-il indiquer la provenance de l'affect en question.

Tornar possível uma análise

Carme Dueñas

Para que uma análise seja possível é preciso que um analisante se encontre com um analista. Esta afirmação que parece evidente, no entanto, não o é. Receber alguém, escutá-lo e inclusive interpretar o que ele lhe diz não converte quem escuta em analista, existem várias formas de interpretar e nem todas apontam para a mesma coisa.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, Lacan retoma a analogia freudiana do início e do final de uma análise comparando-a com um jogo de xadrez, já que em ambos “somente as aberturas e os finais permitem uma exposição sistemática e exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo.” (Freud, *Sobre o início do tratamento*). Para que seja possível o início de uma análise Lacan deu indicações precisas em seu Escrito *A direção da cura*.

Nesse texto lemos que no início da análise está a transferência, que é o motor mas também o principal “obstáculo” para a cura. A sustentação da transferência necessária para o início de uma análise é o Sujeito Suposto Saber, mas “...o que qualifica o psicanalista para responder a essa situação?” A resposta pode ser encontrada no desejo, no desejo do analista. Um desejo “inédito” que surge na raiz de uma análise. Nesse Escrito, Lacan situa o desejo do analista como o que surge a partir do descobrimento de que não se é o falo e de assumir a castração. É a partir disso que o analista pode situar-se em posição correta para conduzir suas análises.

O analista opera com sua falta a ser, não há um “ser do analista”, o analista opera por seu desejo, o desejo do analista. É pela aparição desse desejo inédito que vai poder ocupar o lugar de Sujeito Suposto Saber e sustentar o desejo do analisante, escutando as demandas que este lhe dirige e não respondendo mais que com sua presença, seu silêncio e sua interpretação para que o analisante, em sua cura, possa captar algo do desejo que o habita e confrontar-se com a castração, ou seja confrontar-se com a verdade de que não há um Outro completo.

Assim é que não satisfazer a demanda permite fazer surgir o desejo. Pelo contrário, satisfazer a demanda é operar com a sugestão. Na análise, “quer se pretenda frustrante ou gratificante”, toda satisfação da demanda é reduzir a transferência à sugestão.

A transferência é, pois, o que possibilita o início de uma análise, mas não é suficiente. O sujeito que vem à sessão nos traz seu sofrimento e sua queixa, e é preciso que dê um passo mais, é preciso o que Lacan denomina “retificação subjetiva”, ou seja, que se veja implicado naquilo do que se queixa, que assuma a parte que lhe corresponda “na desordem que denuncia”.

Levá-lo até esse ponto é tarefa do analista, que se abstendo de responder à demanda e mediante uma interpretação que não aponte para o sentido, fará possível a passagem da queixa para o sintoma analítico.

Freud já havia advertido que aquele que se vê tentado a empreender um tratamento baseado na relação afetiva e nos bons propósitos de curar ou reeducar, abando o terreno da psicanálise.

Lacan no dá uma indicação precisa: diz que todas as demandas que se articulam em uma análise, e mais que nenhuma outra a de converter-se em analista, não são senão transferências destinadas a manter em seu lugar um desejo instável ou duvidoso em sua problemática. Por isso é preciso que a frustração da demanda prevaleça sobre a gratificação, para que o sujeito possa receber de suas demandas o que se vislumbra de seu próprio desejo.

O neurótico confunde a demanda com o desejo porque não quer saber nada da falta que o causa, por isso busca objetos que imagina que a preencheriam.

Operar na análise a partir das demandas é operar no registro imaginário, ou seja, no registro da adaptação à realidade, da compreensão e do sentido comum. Um “desvio” dirá Lacan que tem como efeito a resistência do paciente e o *acting-out*, que surge como resposta a uma “análise normalizante”, aquela que procede mediante o chamado ao eu do sujeito, pelas bordas, “pela superfície” e pela referência à realidade.

Outro desvio do qual Freud já nos havia advertido é o do “furor sanandis” e Lacan lhe acrescenta “o princípio maligno desse poder sempre aberto a uma direção cega”, o poder de fazer bem.

O poder da palavra é o único que deve operar em uma análise. Operar na análise a partir da ideia de fazer o bem é situar-se em uma posição supereuóica e tentar guiar o sujeito a esse pretense estado de maturidade na relação com o objeto: o “genital love”.

É que reforçar o eu do paciente leva sempre à identificação com o Eu do analista; a um final de análise pela identificação com o analista. Um final de análise que não produz um analista, talvez um terapeuta, mas não um analista.

Uma análise pode ter diferentes finais, mas nem todos conduzem à passagem de analisante para analista.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967* lemos “O término da psicanálise superfluamente chamada de didática é, com efeito, a passagem do psicanalisante a psicanalista.”. Passagem que tem outra porta “cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa.”.

Passagem de psicanalisante a psicanalista. Uma passagem que é possível com a condição que haja um analista que possa conduzir seus analisantes a conseguir que “o real do sintoma estoure”, operando com uma interpretação que não alimente o sentido do sintoma, já que o sintoma não tem outro sentido do que o real. Uma interpretação que reduza o decifrado à cifra, apontando para o significante em língua, que Lacan designa como a letra. Abolir o sentido contribui para reduzir tudo o que concerne ao gozo e especialmente ao gozo fálico. (A Terceira, 1975).

Captar que o gozo fálico está fora do corpo e que o gozo do Outro está fora da linguagem, fora do simbólico, permite captar “o mais vivo ou o mais morto que há na linguagem, a letra. E somente a partir daí temos acesso ao real.

Um acesso ao inconsciente real que, no entanto, é efêmero. No *Prefácio à Edição Inglesa do Seminário XI* (1976) lemos que só podemos estar seguros de estar no inconsciente quando um lapso já não tem mais nenhum alcance de sentido, é algo “que se sabe”, mas quando se presta atenção para que se saia daí.

Ao final de uma análise não se trata de alcançar um saber, um saber impossível para o sujeito, senão de alcançar essa experiência com matizes

de certeza. “Sabe-se”, sem que ninguém tenha que ratificá-lo, nem sequer o analista. Um final de análise que leve o analisante a discernir a castração a nível real, a cessar com a queixa. Um final de análise que permite “uma assunção da castração”, que Colette Soler reforça, “não é senão dar-se conta de que a castração é inevitável”.

Um final de análise que produz um analista que “havendo reintegrado seu desejo em um *a* irreduzível, tenha discernido a causa assegurando-se assim da “fixação de seu desejo” (Colette Soler, *O sintoma e o analista*), para desta maneira poder “oferecê-lo como causa de desejo a seu analisante” (Lacan, *A Terceira*)

Tradução de Luís Guilherme Coelho

Interlúdio

*Le vieil étang
une grenouille y plonge –
le bruit de l'eau !*

Bashô in « Les 99 Haikus de Ryokan »

*Fleurs de cerisier –
au milieu d'elles se traîne
le genre humain !*

*Le nouvel étang
une grenouille y plonge -
pas le moindre bruit !*

*Ryokan in « Les 99 haikus de
Ryokan.
Ed. Verdier. 1986*

*Ce monde de rosée
est un monde de rosée
cependant*

*Issa Haiku
Ed. Verdier 1994
p.45 et 84*

Infos Encontro

- **Plano de acesso:** *O colóquio acontecerá no nível S1: é necessário descer um andar quando você chegar no centro do Congrès, no amphithéâtre Gaston Berger.*

➤ Hotéis:

CHEGAR NA CITÉ DES SCIENCES

A Cité des Sciences está localizada no nordeste de Paris, em Porte de la Villette. O acesso de pedestres é feito através da Avenue Corentin Cariou, n°30. Ali param os ônibus 130, 152, 159 e as linhas 5 e 7 do metrô. Os hotéis que propomos estão localizados no caminho destas duas linhas de metrô.

A 5 min a pé da Cité des Sciences de La Villette

Forest Hill - ***

 Ter Av. Corentin Cariou Paris 19^{ème}

Station : Porte de la villette (ligne 7)

Tel : +33 (0) 1 44 72 15 30- ou- + 33(0) 1 44 72 15 08

Fax : + 33 1 44 72 15 80

Ver promoções na internet : villette@foresthill.tm.

Hôtel Ibis ***

 quai de l'Oise Paris 19^{ème}

Station : Corentin Cariou (ligne 7) ou station : Ourq (ligne 5)

Tel : +33(0) 1 40 38 04 04 Réservation au +33(0) 1 40 38 58 00

(Em frente a Cité des sciences)

69 euros pernoite (café não incluso)

A 10 min a pé

Hôtel Holiday Inn - ****

(em frente a Cité des sciences)

216 av Jean Jaurès - Paris – 75019

Station : porte de Pantin (ligne 5)

Tel : + 33 1 44 84 18 18

Reserva por telefone : +33 1 44 84 18 09
Single ou Double a partir de 150 / 180 euros por noite
Preço variável de acordo com a data de reserva

Résidence hôtelière Citéa - ***

28 ter av. Corentin Cariou - Paris – 75019

Tel : +33 1 44 72 42 00

Fax : +33 1 44 72 42 42

GEmorine@citea.com

Studiode 90 a 105 euros / dia

T2 155 euros / jour

Café da manhã 6,50 euros

Une chambre en ville

www.chambre-ville.com

ucev@wanadoo.fr

Na linha 7 do metrô – A 10 min da Cité des Sciences

Hôtel Campanile ***

145 rue de Flandres

75019 PARIS

Station : Corentin Cariou

Tel : +33(0)1 44 72 46 46

Fax :+33(0) 1 44 72 46 47

Quarto simples a 89 euros com café da manhã

Quarto duplo a 98 euros com café da manhã

Reservar com o código: CONGRES E.P.F.C.L

(preço negociado se um mínimo de 10 pessoas se interessarem e reservarem rapidamente)

Preferências:

Hôtel Crimée-***

188 rue Crimée

Paris 19ème

Estacionamento próximo

Estação: Crimée sair pela rue de Flandre ou rue Matisse

Este hotelzinho é caloroso, com quartos reformados recentemente, a recepção é simpática. O hotel é de acesso muito fácil, situando-se a duas estações do metro da Cite des Sciences, um pouco mais calmo.

A responsável, Mme ZIANI, propõe quartos com preços mais interessantes, se vocês reservarem especificando ----- o código: Congrès E.P.F.C.L-----

- Quarto simples com café da manhã: 80 euros
- Quarto duplo com café da manhã: 85 euros

As reservas devem ser feitas por telefone: 33(0)1 40 36 75 29 ou por e-mail: hotelcrimee19@wanadoo.fr

Hôtel Holyday Inn Express ***

68 quai de la Seine
Paris 19ème
Tel: 01 44 65 01 01 Fax : +33 144 65 01 02

Estação: RIQUET

Esse hotel tem um estilo moderno, apresenta a vantagem de ser muito bem situado na margem do Canal de l'Ourcq; alguns quartos dão de frente para o canal. Ele está localizado a dez minutos a pé da Cité des Sciences, percorrendo o canal de l'Ourcq.

Para reservar, é preciso dar o Código: Congrès E.P.F.C.L (isso para se beneficiar dos preços negociados)

A tarifa para as pernoites precedentes ou seguintes, o final de semana do dia 9, 10 e 11 de dezembro é de 130 euros (quarto simples) e 140 euros (quarto duplo)

Diretamente pelo metrô na linha 7 - La Courneuve - Mairie d'Ivry

Hôtel Mercure « All seasons »-

(Estação Gare de l'Est)
Tel : + 33 1 44 65 33 33
Quarto a partir de 110 euros
Duplo: 89 euros

Hôtels de charme com preços reduzidos

Hôtel Nord et Champagne

(station gare de l'Est)
Tel : + 33 1 47 70 06 77
Fax : + 33 1 48 00 95 41
www.hotel-nordetchampagne
Quarto a partir de 89 euros

Hôtel Villa- Fénelon

2 rue Buffault - Paris - 75009
(station Le Pelletier ou Cadet)
Tel : + 33 1 48 78 32 18
www.villa-fenelon.com
Quarto a partir de 95 euros

Hôtel île de France Opéra

26 rue Saint-Augustin - Paris 75009
(station Opéra)
Tel : + 33 1 47 42 40 61
Tel : + 33 1 47 42 40 61
www.iledefrance-paris-hotel.com
Quarto a partir de 110 euros

Hôtel des Grandes Écoles

75 rue du Cardinal Lemoine -Paris 75005
(station place Monge)
Tel : + 33 1 43 26 79 23
www.hotel-grandes-ecoles;fr
Quarto a partir de 115 euros
(reservar com bastante antecedência)

Na linha 5 do metrô

Hôtel Mercure - ***

22 av Jean Lolive – Pantin 93500
Station : Hoche
Tel : + 33 1 48 91 6
Réservation avec le code : Congrès EPFCL
- Quarto simples, café da manhã incluso: 84€
- Quarto duplo, café da manhã incluso: 94€
- Taxa de estadia: 1€ por pessoa

A 20 min a pé

Hôtel Campanile - **

62 av. Jean Lolive - Pantin 93500
Station : Hoche
Tel : + 33 1 48 91 32 76
Quarto a partir de 69 euros

Chambres d'hôtes / bed and breakfast

2BinParis

www.2binparis.com

info@2binparis.com

+ 33 1 82 88 01 45 ou + 33 1 47 34 01 50

A partir de 60 euros

Alcove et Agapes –

www.bed-and-Breakfast-in-paris.com

otcp@bed-and-breakfast-in-paris-com

Tel : + 33 1 44 85 06 05

A partir de 75 euros

Good Morning Paris

www.goodmorningparis.fr

info@goodmorningparis.fr

+ 33 1 47 07 28 29

56 a 119 euros - 2 noites no mínimo

Une chambre en ville

www.chambre-ville.com

ucev@wanadoo.fr

35 à 100 euros / noite – café da manhã incluso

33 1 44 06 96 71

Louer un appartement

Paris loc'appart

www.destinationsloccapart.com

Tel : + 331 45 27 56 41

A partir de 320 euros por 3 noites num studio (kit net)

123 My City Flat

www.123-mycityflat.com

Tel : + 33 1 42 78 01 58

A partir de 125 euros a noite num apartamento para 4 pessoas

Aos colegas que desejarem um alojamento em domicílio, e para aqueles que puderem acolher participantes, por favor, manifestem-se rapidamente para que possamos estabelecer uma lista, enviando um e-mail para Cathy Barnier, antes de 15 de setembro: cathy.barnier@noos.fr

➤ RESTAURANTES

1

DENTRO DA CITE DES SCIENCES:

| | |
|---|---|
| PISO-1 <i>LE HUBLOT</i> <i>Recomendado pela organização</i> | Restaurante tradicional, |
| | Serviço de mesa |
| | Cardápio a partir de 18 € |
| PISO -2 <i>AUX PAINS PERDUS</i> | Sanduíches, saladas e pratos quentes. |
| PISO-2 <i>MEZZO DI PASTA</i> | Bar à patês (Massas). |
| PISO-0 <i>LE CAFE DE LA CITE</i> | Sanduíches, saladas, <i>smoothies</i> , no local ou para levar. |
| PISO S-1 e 2 <i>LE BAR DU FORUM</i> <i>e</i> <i>LE BAR DES LUMIERES</i> | Bebidas e salgados. |

2

NO PERÍMETRO DO PARC DE LA VILLETTE:

Permanecer no parc de la villette e dirigir-se para a porte de Pantin

| | |
|------------------------------|--|
| A 8mn | Pizzas, massas, antepastos e grelhados |
| <i>MY BOAT</i> | Região agradável |
| 0699931975 | Cardápio a partir de 13 €* |
| A 10mn | Grandes saladas 12€ |
| <i>LA VILLETTE ENCHANTEE</i> | |
| | |
| A 20mn | Restaurante e Bar |
| <i>CAFE DE LA MUSIQUE</i> | Serviço de mesa |
| Avenue Jean Jaurès | Grande terraço externo |

As estimativas de tempo, de distância e os números colocados em cores na carta são indicativos.

3

AVENUE CORENTIN CARIOU

Saindo da Cité des sciences et de l'industrie, depois da esplanada

| | |
|---|--|
| A 10mn <i>HIPPOPOTAMUS</i> | Grelhados |
| 28, avenue Corentin Cariou, 01.44.72.15.15 | Aberto todos os dias |
| | Cardápio a partir de 17 €* |
| A 10mn <i>MOUSSA L'AFRICAIN</i> | Cozinha Gastronômica Africana |
| 25-27, avenue Corentin Cariou | Espectáculos sexta, sábado e domingo à noite |

| | |
|--|--|
| 01.40.36.13.00 | Cardápio a partir de 17,50€* |
| A 10mn <i>PIERRES QUI ROULENT</i> avenue Corentin Cariou | Aberto tarde e noite, fechado no domingo |
| | Cardápio a partir de 15€* |
| | Cozinha francesa tradicional |
| A 10mn <i>DOCK'S CAFE</i> 21, avenue Corentin Cariou 01.40.38.44.04 | Aberto todos dos dias |
| | Cardápio a partir de 15€* |
| | Cozinha italiana e americana |



AVENUE JEAN JAURES do lado porte de pantin:

Atravessar o parc de la villette e dirigir-se para o metrô Porte de Pantin (ligne 5)

| | |
|---|--|
| A 15mn 01.42.39.44.44 <i>AU BŒUF COURONNE</i> 188, av. Jean Jaurès | Gastronômico (especialidade: carnes) |
| | Aberto todos os dias |
| | Cardápio a partir de 18-20 €* |
| A 15mn 01.40.40.09.39 <i>LE BISTROT DU 190</i> 190, avenue Jean Jaurès | Pizza, massas e cozinha tradicional |
| | Aberto todos os dias |
| | Comporta salas no primeiro andar para grupos que quiserem trabalhar (40, 30, 14 pessoas) |
| A 15mn 01.53.38.58.55 <i>WOK 192</i> 192, avenue Jean Jaurès | Cozinha chinesa requintada, |
| | Aberto todos os dias - 350 lugares |
| | Buffet à vontade (cardápio a partir de 11.80€*) |
| A 20mn 01.42.08.06.65 | Cozinha francesa |
| | Fechado aos domingos (pequeno, mas simpático) |

| | |
|------------------------------------|--|
| <i>LOCAL ROCK</i> | |
| 206, avenue Jean Jaurès | Cardápio a partir de 15€* e 20€* |
| A 20mn 01.42.06.75.29 | Restaurante de frutos do mar, Brasserie parisiense |
| <i>BRASSERIE DE L'HORLOGE</i> | Fechado aos domingos (pequeno, mas simpático) |
| 212, avenue Jean Jaurès | 13€* / (possibilidade de mesa de 10 ou mais no primeiro andar). |
| Reservar (em caso de grupo) | |

As estimativas de tempo, de distância e os números colocados em cores na carta são indicativos. (Cf. o anexo para o plano)

- **SNCF (Metrô e trem):** Os cupons “Congrès SNCF” estão disponíveis e permitem-lhes obter um desconto de 20% em seus trajetos de trem. Solicite-os no momento de sua inscrição.

- **AVIÃO:** Para obter a tarifa preferencial com a Air France et KLM Global Meetings, o código de identificação é: 12795AF

- **ESTACIONAMENTO:** um cartão no valor de 8 euros por dia será disponibilizado desde que solicitado. Mais informações em setembro. Pedimos, portanto, que enviem **rapidamente um e-mail para Nadine Naïtali, se quiserem uma ou diversos cartões de estacionamento, que devem ser pagos com um cheque nominal à EPFCL-França, e endereçado a: Parking-La Villette 118 rue d'Assas 75006 Paris.** Sem essa reserva não podemos entregar-lhes os cartões.

Interlúdio

*Que ferais-je sans ce monde sans visage sans questions
où être ne dure qu'un instant où chaque instant
verse dans le vide dans l'oubli d'avoir été
sans cette onde où à la fin
corps et ombre ensemble s'engloutissent
que ferais-je sans ce silence gouffre des murmures
haletant furieux vers le secours vers l'amour
sans ce ciel qui s'élève
sur la poussière de ses lests*

*que ferais-je je ferais comme hier comme aujourd'hui
regardant par mon hublot si je ne suis pas seul
à errer et à virer loin de toute vie
dans un espace pantin
sans voix parmi les voix
enfermées avec moi*

*Samuel Beckett, Poèmes
Ed. Minuit 2007 p 23*

Programa

Sexta-feira, 9 de dezembro: “A Escola à prova do passe”

8h45 - 9h30

Recepção dos participantes:

Abertura:

Albert Nguyên (França)

Primeira mesa-redonda

10h00-13h00: “O discernimento do passador”

Coordenada por Dominique Fingermann (Brasil) e Clotilde Pascual (Espanha).

Intervenções (10 minutos): Colette Soler (França), Elisabete Thamer (França), Frédérique Decoin-Vargas (França), Béatrice Tropis (França)+ Trinidad Lander Sanchez-Biezma (Venezuela).

As intervenções serão seguidas por um amplo debate ao qual cada membro da Escola, especialmente aqueles que participaram de um lugar ou outro do dispositivo do passe, é convidado a colaborar.

Almoço

Segunda mesa-redonda

15h00-17h45: “A aposta do A.M.E. e suas consequências”

Coordenado por Josep Monseny (Espanha) e Marc Strauss (França).

Intervenções de: Carmen Gallano (Espanha), David Bernard (França), Maria Teresa Maiocchi (Itália), Patricia Muñoz (Colômbia), Bernard Nominé (França)

18h00 a 19h00: Conclusões do dia

Presidência: Nicole Bousseynroux (França)

Intervenções de: Sidi Askofaré (França), Luis Izcovich (França), Anne Lopez (França), Diego Mautino (Itália), Antonio Quinet (Brasil).

HOMENAGEM a Jacques Lacan : a partir de 19h30.

Celebração dos trinta anos do falecimento de J. Lacan

Uma *Suite* com violoncelo e vinho oferecidos pela escola fechará agradavelmente esse longo dia de trabalho..

Sábado, 10 de dezembro e Domingo 11 de dezembro

Com o título “A análise, fins e consequências”, o III Encontro Internacional terá continuidade, e para a EPFCL-França ocorrerão as tradicionais Jornadas Nacionais de dezembro.

Sábado, 10 de dezembro:

PLENIÁRIA

Recepção dos participantes: 8h45

Abertura: 9h30

Sol Aparicio: “Sigo o rastro do desejo do Outro”.

Primeira sequência: 9h45 – 11h15

PRESIDÊNCIA : Alba Abreu (Brasil)

INTERVENÇÕES:

Marcelo Mazzuca (Argentina): O analista analisante

Susan Schwarz (Austrália): Momentos de separação na análise

Stéphanie Gilet-Lebon (França): O affaire de 9 outubro

Segunda sequência: 11h30 – 13h00

PRESIDÊNCIA: Jacques Adam (França)

INTERVENÇÕES:

Ana Martínez (Espanha): E depois? A satisfação de continuar a passar –

Colette Soler (França): O fim, os fins

Almoço

SALAS SIMULTÂNEAS: 15h00-18h15

SALA 1

Presidente: Patrick Barillot (França)

Primeira sequência: 15h00-16h45

Xavier Campamà (Espanha): Um limite da estrutura a ser encontrado numa psicanálise

Teresa Trias-Sagnier (Espanha): A impotência versus o impossível –

Fulvio Marone (Itália): A con-formação do analista –

Tatiana Assadi (Brasil): De *Sepultura* à *Slipknot*: do ritmo da análise ao corte da melodia

Debatedores: Cathy Barnier (França) e Lydia Hualde (França)

Segunda sequência: 16h45-18h15

Ana Guelman (Israel): O fim de análise: apropriar-se de um destino. Do que insiste em se repetir ao alívio do que se esquece

Paola Malquori (Itália): Analista em função, função do analista

A subversão transferencial à luz lacaniana – Gladys Mattalia (Argentina)

Debatedores: Fulvio Marone (Itália) e Mireille Scemama-Erdos (França)

SALA 2

Presidente: Mario Brito (Venezuela)

Primeira sequência: 15h00-16h45

Glaucia Nagem (Brasil): Do passo de sentido ao ab-sentido: o que resta de uma análise

Bernard Lapinalie (França): Desfazer pela fala o que se fez pela fala

Lydie Grandet (França): Com o risco da psicanálise –

Debatedores: Mikel Plazaola (Espanha) e Jean Michel Arzur (França)

Segunda sequência: 16h45-18h15

Rosa Roca (Espanha): À maneira de...

Radu Turcanu (França): As línguas da análise

A. Alonso, A. M. Cabrera, C. Delgado, T. Sanchez-Biezma, M. L. de la Oliva (Espanha): A alegria do bem-dizer

Debatedores: Carlos Guevara (França) e Irène Tu Ton (França)

SALA 3

Presidente: Elisabete De la Rocha Miranda (Brasil)

Primeira sequência: 15h00-16h45

Armando Cote (França): Os passadores e a lógica temporal

Olga Medina (França): Desvelamento do segredo em um cartel inédito de passadores

Ricardo Rojas (Colômbia): O saber do final de uma análise. Como nomeá-lo?

Debatedoras: Ana Canedo (Espanha) e Muriel Mosconi (França)

Segunda sequência: 16h45-18h15

Yehuda Israeli (Israel): Atravessando o fantasma no ato sexual

Conrado Ramos (Brasil): Do objeto como borda ao sintoma como furo

Anne Théveniaud (França): A partição do sujeito ou a disposição melômana

Debatedores: Juan del Pozo (Espanha) e Didier Grais (França)

ASSEMBLEIA GERAL DA EPFCL-França:
18h30-21h00

Jantar dançante (grupo de jazz latino) na Cité des Sciences a partir das 21h15.

Domingo, 11 de dezembro

RECEPÇÃO: 9h30

Primeira sequência: 10h00-11h30

PRESIDÊNCIA: Claude Léger (França)

INTERVENÇÕES:

Patricia Dahan (França): O fim pelo sentido, fora de sentido

Sonia Alberti (Brasil): O A.M.E.: o passe além do dispositivo

Segunda sequência: 11h30-13h00

PRESIDÊNCIA: Lola Lopez (Espanha)

INTERVENÇÕES:

Antonio Quinet (Brasil): Sinthoma e semblante
Luis Izcovich (França): A verdadeira viagem

Almoço

Terceira sequência: 14h45-16h15

PRESIDÊNCIA: Pascale Leray (França)

Gabriel Lombardi (Argentina): O conhecimento do sintoma e as opções de fim de análise

Anita Izcovich (França): Quando o indemonstrável faz prova

Quarta sequência: 16h15-17h45

PRESIDÊNCIA: Jean-Jacques Gorog (França)

INTERVENÇÕES:

Cora Aguerre (Espanha): Devir do sinthoma

Michel Bousseyroux (França): O desenlace

Encerramento do III Encontro: Nadine Naïtali e Albert Nguyễn

***** Tradução em espanhol, italiano, português e inglês.**

Ficha de inscrição

SOBRENOME E NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE / PAÍS:

TELEFONE / E-MAIL:

| | |
|--------------------------|-------|
| Individual | 170 € |
| Colegiados clínicos | 130 € |
| Estudante (- de 26 anos) | 80 € |
| Formação Continuada | 300 € |

Por cheque em nome de: EPFCL-France

**Depósito para BRED PARMENTIER nº IBAN FR76 1010 7001 3700 4120
2069 916**

Enviar para: EPFCL - France

Rencontre Internationale d'Ecole

118 rue d'Assas

75 006 Paris

Formação continuada nº 11 75 411 9375

Interlúdio

« Avance avec le son, modulé, tremblant » a peut-être dit l'un de nos sages d'autrefois, un voyant.

« Sinon a-t-il ajouté, la forêt de la nuit ne sera pas traversée, la ligne d'horizon n'apparaîtra pas avec l'aube. »

Ensuite ces paroles se sont propagées d'un siècle à l'autre, à travers les guerres et la paix, de ville en village et de village en hameau, jusqu'aux embouchures de tous les fleuves. Elles ont traversé inondations et incendies.

Comme nous tous je suis l'enfant d'un même pays, d'une même terre, du seul temps qui n'a cessé de s'écouler d'une naissance à l'autre, d'une mort à l'autre.

Mais je ne les ai pas écoutées, ces paroles, moi qui ne suis peut-être que le dernier des imbéciles ou un révolté de pacotille. Un jour, peu de temps après m'être mis en marche, scrutant le vide et touchant l'écorce d'un arbre mort, j'ai dit : « Où vont les fleuves je n'irai pas ; leur façon de descendre, très peu pour moi. Et je verrai bien si malgré tout, à la fin des fins, le canal que je creuse, si étroit et si obscur à l'origine, arrive ou non à une embouchure, à condition bien sûr qu'il y ait quelque part une embouchure ou une fin. »

*Lokenath Bhattacharya in « Où vont les
fleuves »*

Ed. Le bois d'Orion. 1998 p. 15 et 16

Initiatives Pré-Encontro

FRANÇA

Polo 6 Polo do “GAI SÇAVOIR EN MIDI TOULOUSAIN”

Com a iniciativa dos Eleitos dos Polos 6 e 7 aos quais se somaram os dos Polos 8 (Pays des Gaves l'Adour) e Polo 5 (Tarn-Aveyron-Lot), uma tarde de trabalho acontecerá em Toulouse (Maison des Avocats) dia 19 de novembro de 2011 das 14h00 às 19h00. Oito intervenções curtas deverão permitir um amplo debate sobre o tema “A análise: fins e consequências”.

Intervenções de Belon, Françoise Hurstel, Marie Pierre Vidal, Anne Marie Combres, Nathalie Billiotte, Pascale Leray, Bruno Geneste, Valérie Capdepont, Corine Ozeray, Albert Nguyễn, Jean François Zamora e Orphania Augot.

Polo BORDEAUX REGION (Cartel expandido)

O cartel funciona mensalmente desde o mês de abril e reúne 15 participantes membros da Escola e membros do Fórum em torno do tema do Encontro de dezembro.

Os trabalhos começaram com a apresentação de textos de Lacan sobre o passe: Proposição de outubro, Nota Italiana, o Aturdido, Prefácio à edição inglês do Seminário XI. Em seguida, começamos a leitura de textos de colegas sobre a questão: textos dos Mensuels 54, 59, 62, 63 e textos do livro “Experiências de passe”, de 2011. Cada participante, por sua vez, expõe um ou outro texto e sua problemática.

Bruno Geneste, Valérie Capdepont, Corine Ozeray e Albert Nguyễn apresentarão um trabalho na tarde preparatória do Encontro, que acontecerá em Toulouse dia 19 de novembro de 2011.

POLO 14 PARIS-ÎLE DE FRANCE-CHAMPAGNE NORD

Sábado, 19 de novembro em Paris (no 118, rue d'Assas 75006, Paris)

com Erik Porge e Michel Bousseyroux sobre suas respectivas obras

Outras iniciativas estão provavelmente em curso nos outros Polos.

BÉLGICA

Seminário de Escola do Fórum de Brabant, coordenado por Lucile Cognard, Zehra Eryoruk e Coralie Vankerkhoven sobre o tema do Encontro.

Quando um sujeito começa uma análise e para onde isso o leva? Partindo da constatação de que a análise pode ser interminável, o que faz com que uma análise possa terminar? Quais as consequências, por um lado, sobre a direção da cura e, por outro, que fins o sujeito pode encontrar?

Da análise sem fim ao desejo do analista, que guinada epistêmica Lacan imprimiu?

ESPANHA

Fórum Psicanalítico de Barcelona: Seminário de Escola

A escola à prova do passe, debate sobre o AME e o passador.

Programa e Bibliografia:

Setembro: O ensino de Lacan sobre o AME e o passador.

Bibliografia:

Lacan, J. La proposición de 1967, en Directorio de la EPFCL-IF, Textos de referencia de J. Lacan

Lacan, J Discurso a la EFP, 1967, idem

Lacan, J. Nota italiana, 1973, idem

Lacan, J. Sobre la experiencia del pase, 1973, Ornicar? 1, ediciones Petrel

Lacan, J. Nota sobre la elección de pasadores, 1974 (pasaremos a los participantes una traducción al castellano)

Lacan, J. Carta para la Causa Freudiana, 1980, idem

Intervenções: Roser Casalprim e Angels Petit 14 de outubro: Atualizações 1: A análise orientada para o Real.

Bibliografia

Soler, C. : Lacan, l'inconscient réinventé, aptdo L'analyse orientée vers le réel, 2009, PUF, pgs 75-123

Soler, C. Style de passes, in Wunsch 10

Wunsch 8, 9, 10

Intervenções: Clotilde Pascual e outras pessoas as quais ainda falta definir.

11 de novembro, Atualizações II, Experiências no dispositivo do passe do campo lacaniano.

Bibliografia

Corinne Philippe ¿Por qué presentarse al pase? Wunsch 9, p 17-19

Claire Montgobert Lo que (se) pasa, Wunsch 9, pp.29-32

Lydie Grandet Una experiencia que sobre-pasa, Wunsch 9, pp. 39-41

Wunsch 8, 9 e 10

Intervenções: Daniela Aparicio e Jorge Chapuis

Comissão de organização: X. Campamà, A. Martínez, M. Pelegrí, R. Roca, I. Rosales.

Madri:

Espaço Escola: Trabalho do Espaço Escola sobre o tema do encontro.

Informações de Ana Canedo: trabalhos preparatórios para o III Encontro Internacional de Escola:

“O Fórum psicanalítico da Galícia proporá duas Jornadas de Escola sobre o tema “Os fins de análise”, dia 16 de outubro e 26 de novembro de 2011. Horace Martínez, Matilde Molina, Sara Glendinning, M^a Jesús Pedrido, Mar Criado, Manuela Valcárcel e Chapelet du Coteau participarão desses trabalhos”.

ITÁLIA

Espaço Escola de Roma: Atividades preparatórias previstas para o Espaço Escola. Informações no site:

<http://www.praxislacaniana.It/index.php?ccp=4>

Seminário de Estudo de textos: J. Laca, “Nota italiana”, a partir do trabalho de Colette Soler (2007-2008) no curso do Espaço Escola de Praxis-FCL.

Seminário de Escola: Questões oriundas da experiência do passe.

BRASIL

Notícias do Seminário Itinerante “Espaço Escola Brasil”: no decorrer do segundo semestre de 2011 foram organizados pelo CAOÉ (Brasil) e seu associado membro da CLEAG, Seminários Itinerantes nos 11 Fóruns da EPFCL-Brasil, como atividades preparatórias ao III Encontro Internacional da Escola.

Os colegas (participantes das diversas instâncias da Escola no Brasil) apresentaram os seguintes trabalhos:

Ângela Diniz: O que resta d(a) conclusão?

Antônio Quinet: A estranha - A Escola de Lacan e o final de análise

Alba Abreu: Os im-passes da transmissão

Beatriz Oliveira: A solidão do fim. Não sem alguns outros

Dominique Fingermann: A presença do passador: atualidade da Escola

José Antonio Pereira da Silva: A designação do Analista Membro da Escola – AME

Silvia Franco: O passe na EPFCL

Sonia Alberti: Respostas do analista - o que se pode fazer, saber e esperar ?

Petrópolis, 26 de outubro de 2011

O mês de outubro nos fez aquecer os tambores das discussões preparatórias para o III Encontro da Escola, a realizar-se em dezembro em Paris, ainda com uma escala que faremos em Salvador, na próxima semana, com nosso Encontro Nacional.

José Antonio Pereira da Silva, convidado pelo Fórum de Petrópolis, no dia 8 do corrente mês, trouxe-nos a rica oportunidade de discutirmos sobre 'A designação do AME' na ambiguidade do título: a Escola que designa o AME e o AME que designa o passador. Sua participação em nossa Jornada anual trouxe ao Fórum de Petrópolis seus comentários clínicos precisos que ampliaram nossas elaborações.

Termos o passe no cerne da EPFCL, com certeza, tem sido o motor dessa discussão que vai se acumulando e fazendo série, tanto no Brasil como na comunidade internacional. Motivados pelo efeito do Seminário Itinerante do Espaço Escola em Petrópolis fomos aproveitar e dar sequência à discussão em Belo Horizonte, no último fim de semana.

A Jornada anual do Fórum de BH, com o Seminário Itinerante do E. Escola tendo Dominique Fingermann com expositora deu-nos a oportunidade, no aconchego mineiro, de escutar as elaborações de Dominique a partir de seu lugar no CIG, além de ouvirmos os trabalhos cuidadosos dos queridos mineiros - para mim, a oportunidade de revê-los no âmbito do trabalho compartilhado desde o início dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Daqui do Fórum de Petrópolis, três membros que foram a BH (Clarice Gatto, Eliane Schermann e eu própria), temos agora a missão de fazer reverberar em nosso Fórum local o que se depositou das discussões do Seminário Itinerante.

Parabéns aos colegas mineiros e à Coordenação do Fórum do Campo Lacaniano de BH pelo evento e pela afetuosa recepção.

Com um abraço
Graça Pamplona

AMÉRIQUE LATINE SUD

Em 29 de setembro foi realizado o Seminário Itinerante de Escola na cidade de Buenos Aires, que foi marcado como uma atividade preparatória para o III Encontro Internacional da Escola, sob os cuidados do CAOÉ e do FARP. Esse seminário desenvolveu-se com três apresentações a cargo de colegas da França, Brasil e Argentina, seguidas de debate:

Colette Soler (EPFCL-França): Ética e clínica da oferta clínica

Sonia Alberti (EPFCL- Brasil- Rio de Janeiro): Respostas do analista - o que se pode fazer, saber e esperar ?

Gabriel Lombardi (Foro Analítico del Río de la Plata, Bs.As. Argentina); A instituição analisante

AMÉRIQUE LATINE NORD

FÓRUM DO CAMPO LACANIANO DE PORTO RICO

A ANÁLISE: TERMINÁVEL?

O Fórum do Campo Lacaniano de Porto Rico estará realizando uma jornada clínica intitulada A Análise: Terminável?, dia 29 de outubro de 2011. Tal jornada contará com a participação de Patrícia Muñoz, Analista Membro da Escola (A.M.E.) do Fórum do Campo Lacaniano de Medellín, que estará fazendo uma apresentação teórica intitulada “Mais além do benefício terapêutico” e uma apresentação sobre a experiência do passe intitulada “Uma morte anunciada”. O programa contará também com a participação dos seguintes Membros da Escola e do Fórum do Campo Lacaniano de Porto Rico:

Dyhalma Avila: "Passar... A pensar o passe"

Rebeca Diaz e

Silvia Arosemena: “Finais de análise”

Maria de los Angeles Gomez: “O que deve ficar ao final da análise?”

FÓRUM DE MEDELÍN

Continuam sendo desenvolvidas no Espaço Escola, duas vezes por mês, temáticas relacionadas com o Terceiro Encontro da Escola:

| | | |
|--|---|----------------|
| A resposta para os adventos do real do final. | Gloria Patricia Peláez J. Margarita Mesa | 18 de outubro |
| O real como tampão ou o passo para o real | Patricia Muñoz Juan Manuel Uribe | 1 de novembro |
| O real do inconsciente e a <i>alíngua</i> do final: novas perspectivas para o real e para o final. | Gloria Patricia Peláez J Beatriz Maya | 15 de novembro |

Quinta, 17 de novembro de 2012, às 12h00 também contaremos com a presença de Dominique Fingermann membro do CIG 2012-2012, com o tema “A presença do passador”.

FÓRUM DE PEREIRA

ESPAÇO ESCOLA

25 de OUTUBRO de 2011: “O passe e o final de análise”, a cargo de Milton Romero

29 de NOVEMBRO de 2011: “O dispositivo do passe: passador e passante”, a cargo de Ana Lucía Arango e Jenny Polanco

Interlúdio

Ó só por mim, só de mim, em mim mesmo,
Junto a um coração, às fontes do poema,
Entre o vazio e o acontecimento puro,
Espero o eco de minha grandeza interna,
Amarga, escura e sonora cisterna,
Ressoando na alma um oco, sempre futuro!

Paul Valery – Le cimetière marin

Anúncio

“O que responde o psicanalista? Ética e clínica”

**VII Encontro da IF-EPFCL
6-8 de julho de 2012
Copacabana, Rio de Janeiro**

6-8 de julho de Encontro da IF-EPFCL

6 de julho 18h00 Simpósio sobre o Passe

9 juillet Assemblées de l'IF et de l'EPFCL

Interlúdio

L'enfant essayait

De garder des gouttes de rosée

Entre le pouce et l'index

Issa in « Fourmis sans ombre »

*Le livre du Haiku
bananier*

Ed Phébus. 1978

Dans la brume de l'aube

tournoie

le son de la cloche

Au cri de la grue

le

a dû se déchirer

*Bashô in « Bashô à Kyoto rêvant
de Kyoto »*

Ed Moundarren. 1991 p.54 et 71

As Comissões do Encontro

CAOE

Dominique Finger mann (Secretariado América do Sul)

Ana Martinez

Patricia Muñoz

Albert Nguyê n (Secretariado Europa)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Albert Nguyê n (*Responsável pelo Encontro*)

Dominique Finger mann

Ana Martinez

Patricia Muñoz

Luis Izcovich

Diego Mautino

Pascale Leray

Marc Strauss

Gabriel Lombardi

Bernard Nominé

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO

Nadine Naïtali (*Responsávele pela organização*)

Cathy Barnier

Dominique Champroux

François de Dax

Frédérique Decoin

Didier Grais

Mireille Scemama

Irène Tu Ton

